

“O uso da cultura como recurso em estratégias de resistência do Coletivo Estação Saracura Vai-Vai”¹

Milena S Signor Avelar²
Allen Margarita Hernández De Moya El Hage³
Andreia Lazzari Chiovatto⁴
Barbara Neves Magalhães Mugnaini⁵

Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa em andamento na região do Bixiga, área central de São Paulo. Como objetivo, analisamos as discussões/debates em torno das obras de construção da estação do Metrô no local, mais especificamente, uma roda de conversas promovida pelo coletivo Estação Saracura Vai-Vai; onde foram compartilhados os desdobramentos e as estratégias definidas para atuação do grupo, em decorrência dos achados na escavação da obra. Por meios desta análise, buscamos compreender sentidos de comunicação urbana (Caiafa, 2020; Pereira; Rett e Bezerra, 2021), construídos por eles, e o uso que fazem da cultura como recurso (Yúdice 2013) e como resistência na busca pela preservação da memória do Quilombo Saracura. A metodologia usada é o trabalho de campo de inspiração etnográfica/cartográfica digital (Instagram) e presencial.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Urbana; Bixiga; Coletivo Estação Saracura Vai Vai.

Introdução

Localizada na área central da cidade de São Paulo, a região do Bixiga é um local com contornos geográficos não oficiais que se encontra inserido nas delimitações formais do bairro da Bela Vista. A circunscrição do território, permeada por simbolismos e por

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2024.

² Doutoranda em Comunicação no PPG Comunicação na Universidade Paulista – UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Mestre em Comunicação pela UNIP. Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: signormila@hotmail.com

³ Allen Margarita Hernández De Moya El Hage, advogada, graduanda em Nutrição e Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista UNIP (Bolsista CAPES/PROSUP). Membro do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: allen.hage@uol.com.br

⁴ Andreia Chiovatto. Graduada em Artes Visuais e mestranda em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista UNIP). Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: chiovatto.andreia@gmail.com

⁵ Barbara Neves Magalhães Mugnaini, nutricionista e tecnóloga em gastronomia. Membro do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: bmugnaini@gmail.com

noções subjetivas de identificação e pertencimento territorial, se apresentam nos limites dados por seus frequentadores e moradores.

A história do Bixiga remete a uma origem de ocupação realizada primeiramente por indígenas e negros, seguida pela presença de imigrantes italianos na virada do século XIX e XX. Após, registra-se a chegada de migrantes oriundos do nordeste do Brasil no território (o que se dá nas décadas de 1960 e 1970) e, mais recentemente, observa-se a marcante presença de imigrantes e refugiados da África e da Palestina (Pereira *et al*, 2023).

Apesar desta diversidade, o território é comumente identificado e exaltado pelas suas características italianas em detrimento dos demais grupos étnicos que o compõem, se apresentando como um local múltiplo, mas sempre em disputa. De interesse de pesquisadores, admiradores e de moradores do bairro, o Bixiga atualmente vivencia uma intensa discussão sobre defesa do legado do chamado Quilombo Saracura, muito em voga por conta das reivindicações acerca da preservação do legado e do sítio arqueológico encontrado no ano de 2022 durante as escavações para uma das futuras estações do metrô da linha 6 – Laranja, que se encontra em construção no bairro (Pereira; Avelar, 2024).

Neste artigo, apresentamos uma atualização das nossas reflexões e debates em torno das mobilizações do coletivo “Estação Saracura Vai-Vai”, cuja atuação já foi objeto de análise em 2023, durante o 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2023 / PUC MINAS, no qual foi apresentado artigo intitulado “Coletivo Estação Saracura Vai-Vai e redes de comunicação urbana: uma análise das discussões em torno das obras do Metrô na região do Bixiga – São Paulo”.⁶

As atividades do coletivo englobam reivindicações dos grupos negros, afrodescendentes, demais aliados do bairro e da cidade sobre o projeto que envolve a construção da futura estação “14 Bis” do metrô, com ações iniciadas em 2022 que vem se reformulando de acordo com as demandas que surgem no espaço, com o uso de estratégias diversas de resistência.

Entre suas reivindicações originais do grupo estavam a alteração do nome da estação “14 Bis” para “Estação Saracura Vai-Vai” e a criação de um memorial que contribuísse para preservação da memória do Quilombo Saracura - do qual se tem indícios

⁶ O acesso à íntegra do trabalho pode ser realizada através do endereço eletrônico a seguir: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0815202319290364dbfc2ff1019.pdf. Último acesso em 26/05/2024.

de localização naquele espaço - bem como a preservação do nome da Escola de Samba Vai-Vai, estabelecida no mesmo local do antigo Quilombo e que teve seu terreno desapropriado para a construção da estação de metrô.

Neste trabalho, especificamente, vamos analisar e discutir uma roda de conversas promovida pelo coletivo com o objetivo de promover, engajar e atrair visibilidade para a causa, o que tem gerado desdobramento das atividades do grupo ao longo deste processo.

Quilombo Saracura: memórias em disputa

A história do Quilombo Saracura aponta que, entre o século XIX e início do século XX, este foi o lar das pessoas escravizadas que escapavam das fazendas da região central de São Paulo ou das feiras de comercialização dos escravos realizadas no Vale do Anhangabaú, que estava localizado às margens do Ribeirão Saracura⁷. Por conta das características geográficas e proximidade ao centro da cidade, este importante quilombo urbano (assim como os demais) oferecia uma oportunidade maior de esconderijo para os foragidos (Nascimento, 2014).

O Quilombo Saracura, é considerado um refúgio histórico de resistência e cultura negra no coração de São Paulo. Sua existência continua a ecoar nos debates contemporâneos sobre memória, identidade e luta por direitos. Escondido sob as camadas da urbanização, esse espaço de liberdade e autonomia revela a complexidade da história da cidade e a importância de preservar suas raízes afro-brasileira.

Nos A Mobilização Estação Saracura Vai-Vai apresenta a definição de quilombo como sendo:

“uma reunião fraterna e livre, de solidariedade, comunhão existencial. Uma forma de resistência e adequação ao meio brasileiro de comunitarismo da tradição africana. É também um quartel general da cultura africana, que assegura a liberdade para cultuar religiosidade, exercitar práticas ancestrais, espaço democrático plural para convivência com outras populações, especialmente indígenas. Seja rural ou urbano, é no território que se configuram e preservam a

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quilombo-saracura-a-busca-pela-preservacao-das-memorias-encontradas-nas-obras-do-metro-em-sao-paulo/>. Último acesso em: 12/06/2024.

tradição e herança quilombola. E foram embriões de mudança social do Brasil imperial para a República”.⁸

A definição acima, extraída de um documento fornecido aos participantes da roda de conversa que será objeto de análise deste artigo e detalhada a seguir, também foi enviada aos participantes inscritos na atividade por e-mail (havia uma lista de participação ofertada aos presentes no dia, solicitando e-mail e telefone, além da assinatura em um abaixo-assinado apoiando o coletivo).

Além da conceituação de “quilombo”, o documento igualmente explicava o que seriam as práticas e valores dos quilombos, chamando atenção sobre o reconhecimento de que as existências são conectadas entre si e com o ambiente. Esta afirmação de que a prática de “aquilombamento” e suas noções de existência são conectadas entre si nos permite, em certa medida, dialogar com a noção que Caiafa (2019) traz sobre a “periferalização” e “desterritorialização forçada”.

Ao articular o conceito de Quilombo, o Coletivo tenta se apropriar da narrativa principal, tomando para si o território. Por conseguinte, analisar os processos de comunicação urbana considerando que as cidades surgem na instauração de um processo de comunicação entre pessoas, ideias, territórios, ativismos, meios de comunicação (Caifa, 2019), nos permite questionar se a conexão entre “existência e o ambiente” (Mobilização Estação Saracura Vai-Vai, 2023) não faz com que as redes deste agrupamento de pessoas tenha uma trama ainda mais intrincada, em decorrência da necessidade de estar à margem, em uma condição de anonimato ou até de fuga (como foi no passado), segundo os dizeres de Nascimento (2014). Será que a comunicação urbana que se vê hoje no Bixiga, um território que traz em seu gene a proposição de noções que invocam uma maior conexão com o território, não faz com que as dinâmicas comunicacionais sejam ainda mais urdidas, quando comparadas à outras áreas ou territórios da cidade?

Entre os que levantam vozes para a preservação do patrimônio histórico do antigo Quilombo do Saracura, ganha destaque a Mobilização “Estação Saracura Vai-Vai”, formado por moradores do bairro, coletivos do movimento negro, sambistas, estudantes, pesquisadores e outros ativistas e demais aliados na cidade. O coletivo explica que para defender a permanência da população negra em seu território, é necessário reconhecer,

⁸ Informação constante em documento disponibilizado aos participantes da roda de conversas realizada pela Mobilização Estação Saracura Vai-Vai em 19/08/2023.

preservar e valorizar este patrimônio. Patrimônio este que é definido por eles como a herança, os valores, a história, costumes e ensinamentos recebidos dos antepassados e que são parte da resistência, a qual, segundo a Mobilização, os traz até os dias atuais e permite que eles se reconheçam entre si. Durante as escavações da obra para a passagem do metrô da linha 06 – laranja, no Bixiga, os itens encontrados trouxeram à tona uma complexidade de elementos que podem ser analisados pelas mais diversas perspectivas, mostrando-se especialmente relevantes – complexidade esta tanto pela natureza dos objetos encontrados; quanto pelo momento desta descoberta e a maneira com que o coletivo se valeu desta informação e incluiu em sua narrativa tal fato. E isso contribui para as reflexões sob a ótica dos estudos da comunicação urbana, arquitetura e urbanismo, geografia, ciências sociais e demais áreas do conhecimento que abordam convivências e interações, ou seja, o viver nas cidades.

Nas demandas da resistência que se vinculam com a preservação de sua história, evidenciamos o que Yúdice (2015) chamou de um *ethos* cultural, que constituiria uma dimensão social da cidadania que pode ser estabelecida levando em conta as carências dos grupos subalternizados, seus desejos e seu imaginários. Tão importante quanto, é a invocação do uso da cultura como recurso (Yúdice, 2015), já que no conflito em curso presenciamos a estratégia em dar importância à geração de valores simbólicos que produzam riqueza cultural (e não só econômica), pauta amplamente discutida e provocada pelo grupo quando reivindica a preservação da memória do Quilombo Saracura.

Igualmente dialogamos aqui com o conceito de Haesbaert (2002) sobre território como um produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político do espaço, bem como de suas apropriações simbólicas, ora conjugado, reforçado e contraditoriamente articulado (Haesbaert, 2002, p.121) como espaço apropriado, vivido, disputado, simbólico, marcado de memória (lembranças e esquecimentos), sentidos afetuais etc.

Mobilização Estação Saracura Vai-Vai: “metrô sem destruição da nossa história”⁹

⁹ A frase “Metrô sem destruição da nossa história” é habitualmente apresentada no rodapé das artes das postagens do Instagram da Mobilização Estação Saracura Vai-Vai (<https://www.instagram.com/estacaosaracuravaivai/>).

Apresentando as atividades do coletivo, nosso foco neste artigo é a roda de conversas ocorrida em 19/08/2023 e promovida pela Mobilização Estação Saracura Vai-Vai, um evento aberto ao público que aconteceu a céu aberto, em uma rua ao lado das obras da estação do metrô¹⁰. Tal evento integrou a agenda de trabalhos da Jornada do Patrimônio Cultural¹¹, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo.

Além de expressar suas reivindicações, na própria chamada/convite à participação do evento (feita através das plataformas sociais e em eventos presenciais que antecederam conversão encontro), a Mobilização já fazia uma abordagem ressaltando a importância da participação, do engajamento da comunidade e dos simpatizantes do bairro nas discussões em torno da obra. Também pelas plataformas sociais o coletivo já apresentava uma pauta que dava visibilidade aos apresentadores/mediadores da roda, o que incluía suas formações e áreas de atuação: jornalistas, doutores na área da comunicação, músicos, compositores, instrumentistas, especialistas em planejamento urbano, líderes religiosos de matrizes africanas, educadores e pesquisadores.¹² Esta estratégia de abordagem, além de evidenciar a consolidação de múltiplas áreas de interesse militando por uma causa comum, remete aos aspectos das formações de redes múltiplas nas cidades em seus nós, dinâmicas e associações, bem como traz sinais de uma luta não institucionalizada e mais autônoma por espaços, sendo atravessado por lógicas nas quais o capital financeiro e a luta política também estão em jogo. Essa abordagem também vai ao encontro do que é afirmado por Pereira e Bezerra (2021), que aproximam a noção de comunicação urbana com movimentos por moradia e direito ao centro da capital paulistana, evidenciando ativismos artísticos/urbanos, entre outros.

Em suas chamadas, publicações e nos materiais de divulgação das atividades, o coletivo explica a importância desta luta pela manutenção da população afrodescendente no Bixiga pois, segundo eles, além de ser a maioria, esta seria a população que pratica modos de vida que valorizam a riqueza cultural e a diversidade no bairro. Igualmente argumentam que a riqueza econômica, social e religiosa do Bixiga foi construída também por esta população desde a sua origem, uma alegação que dialoga com o que Pereira e Bezerra (2021) apresentam sobre as disputas em jogo nestes espaços.

8 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwLaF-OtTIV/>. Último acesso em: 14/06/2024.

11 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvxNeNnL2cC/>. Último acesso em: 14/06/2024.

12 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvxNeNnL2cC/>. Último acesso em: 27/04/2024.

Nas movimentações deste grupo, também se observa uma aproximação com a ideia de um ativismo urbano mais geral ou amplo, que se mostra ligada aos novos movimentos sociais de ocupação e insurgência urbana (Harvey, 2014; Holston, 2009). Isso se esboça em São Paulo, entre outras frentes, na reivindicação da cidade e ao seu centro, vinculado às movimentações e subversões artísticas (Pereira e Bezerra, 2021) evidenciadas em assuntos que não são o principal, mas que sempre estão interligados à reivindicação do coletivo Estação Saracura Vai-Vai.

A roda de conversa, realizada na rua interditada por estar ao lado dos tapumes que protegem a construção onde será uma das entradas da estação do metrô, teve seu início com a apresentação das pessoas que fazem parte da Mobilização, explicando a atuação de cada um destes agentes e apresentando suas experiências pessoais (através de seus trabalhos ou área de interesse não necessariamente vinculados à causa comum), usados como formas de exemplo e para dar materialidade à discussão.

Importante compartilhar que em nossa participação nas atividades presenciais promovidas pelo coletivo, feitas sempre no território do Bixiga e, em especial, nesta roda de conversa em específico, foi possível conversar com os participantes que estavam prestigiando o evento. É muito comum nas atividades, seja deste grupo ou de outro agente cultural, encontrarmos moradores, admiradores ou simpatizantes do território, que não estão necessariamente envolvidos com as demandas pleiteadas naquele evento em questão. Vale pontuar que no caso da roda de conversas que estamos tratando, havia um morador muito assíduo das discussões relacionadas ao Bixiga e que é conhecido justamente por ser um dos moradores mais engajados nos temas que envolvem as discussões em prol da comunidade. Este senhor veio nos cumprimentar e contou seu ponto de vista, trazendo a importância das pautas da Mobilização Estação Saracura Vai-Vai. Ele explicou que atualmente é aposentado e que por muitos anos foi profissional ligado à arquitetura e urbanismo, reforçando que os interesses econômicos ligados por exemplo, ao simples fato de “nomear/comercializar” uma estação de metrô reflete, inclusive, nos processos de gentrificação e na valorização do metro quadrado dos imóveis do entorno. Ainda, segundo este morador, há uma prática nociva e cruel que supostamente permitiria que áreas centrais fossem negligenciadas pelo poder público - com ineficiência de serviço de recolhimento de lixo, ou segurança pública, por exemplo - e que, anos antes da divulgação das obras do Metrô, estas práticas atuavam com uma lógica de primeiro permitir que se instaurasse um processo de abandono e marginalização de tais áreas para

depois, com a chegada de instalações como o Metrô, os lugares ressurgissem como “revitalizados” (com ênfase na conotação pejorativa que estas aspas podem significar).

Passadas as apresentações, um dos responsáveis pela organização do encontro destacou que o movimento surgiu, principalmente, por um desejo conjunto de preservação da memória do bairro e que tal memória, naquele momento, estaria emergindo da terra, materializada nos itens arqueológicos encontrados durante as escavações da obra do Metrô. A narrativa continuou com a contextualização para a plateia, sobre a história do Bixiga, onde se fez referência a um tempo passado quando a área era considerada distante do centro, inacessível, insalubre e montanhosa – o que segundo a narrativa, favoreceu a escolha do lugar para nele se constituir um quilombo.

O relato apontou que, entre as maiores dificuldades vividas na formação do coletivo, tem-se o fato de que os próprios moradores acreditavam que não havia materialidade que explicasse ou justificasse o argumento de que no Bixiga, no passado, havia um quilombo. Também se fez presente que, nos documentos de acesso público e nos livros de história local havia poucas referências sobre o Quilombo do Saracura, fazendo com que os achados nas escavações da obra fossem vistos por estes como um ganho à história e às memórias silenciadas do local.

Em linhas gerais, no encontro se revelou que, a partir do momento em que a Mobilização começou a “tensionar” o processo de preservação (a palavra “tensionar” foi usada diversas vezes por mais de um participante), viu-se uma mudança palpável nas frentes de atuação do poder público e dos responsáveis pela construção do Metrô: inicialmente, houve um reconhecimento oficial de que no território sim havia um quilombo; em seguida, mudou-se o nome da obra/sítio, antes chamado de “14 Bis” (em referência a uma praça próxima), passando a ser chamado de “Sítio Quilombo Saracura Vai-Vai”. Na sequência, o consórcio de construtoras que administram a obra passou a admitir que as primeiras peças arqueológicas (que antes não eram minimamente associadas com qualquer matriz religiosa) na verdade faziam parte de um local de culto religioso, é dizer, que ali era um lugar de suma importância e de extremo respeito para os praticantes das religiões de matrizes africanas.

Explicou-se que, no momento em que o coletivo entendeu que além de toda a importância da causa havia também o fato da localização estar relacionada a uma questão religiosa, houve uma mudança de estratégia de atuação que demandou que o grupo mostrasse tanto ao poder público quanto ao consórcio que administrava a obra que

o que eles chamavam de material arqueológico seria, na verdade, evidência de que as escavações estariam ocorrendo em um território consagrado religiosamente e que, portanto, os procedimentos lá feitos precisariam de outras abordagens.

O próprio coletivo explicou, de forma geral, que entendeu a importância da mudança das suas frentes de atuação e destacou como foi um motivo de alegria para a causa e para suas trocas e interações entre o grupo ver que as histórias iam se “materializando “ao longo das descobertas e dos achados na escavação”: se antes havia uma preocupação com a falta de “materialidade” sobre a existência do quilombo que justificasse uma espécie de oposição por parte da Mobilização, agora este argumento não tinha mais validade.

A roda de conversa continuou e os debatedores seguiram ressaltando aos participantes que, desde o início, o que se reivindicava era a criação de um espaço de memória que acolhesse o legado do quilombo e que enaltescesse a presença desta comunidade no território do Bixiga, uma região na qual as políticas oficiais de branqueamento das memórias são inegáveis, especialmente se levado em conta o fato do senso comum nomear o bairro como reduto dos italianos.

Considerações finais

As reivindicações e mobilizações do Estação Saracura Vai-Vai prosseguem na atualidade, em um movimento de resistência e persistência contra as tentativas de supressão de memórias de um grupo historicamente silenciado. Acompanhando os desdobramentos, vemos que ainda há muito a se definir sobre os temas tensionados pelos diversos atores envolvidos, sem que hoje se observe uma perspectiva clara de tempo ou de teor das definições finais sobre as questões conflitivas.

Entretanto, neste momento, é possível apontar como consideração final preliminar o fato de que analisar o desenrolar das dinâmicas de vida que se desenvolvem ao redor da construção desta estação de Metrô nos mostra uma invocação da cultura como recurso e como estratégia de atuação. Nas mobilizações testemunhadas no território também é marcante a insurgência das vozes daqueles que foram silenciados pelas lógicas hegemônicas de poder, o que indica a presença de um modelo de resistência que nos parece potente e relevante, não apenas para os pesquisadores de comunicação, mas também às muitas outras áreas do conhecimento que buscam compreender os processos

de (re)construção nas cidades a partir dos usos, dos modos de viver em comunidade. E, nesta experiência de observação de um evento no território isto se dá a partir das redes, dos fluxos, das socializações e por todas os demais processos e formas de comunicação urbana.

REFERÊNCIAS

Caiafa, J. (2019). **Comunicação, subjetividade e transportes nas cidades**. *Novos Olhares*, 8 (1), 7-19.

Fernandes, Cíntia Sanmartin, et al. **Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

Haesbaert, R. (2002). **Territórios alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/Ed UFF.

Harvey, D. (2012). **O Direito à Cidade**. *Lutas Sociais*, n.29, p.73-89

Pereira, S. L., & Avelar, M. (2020). **Rede Social Bela Vista: ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga**. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, v.19, n.40, p.230-252.

PEREIRA, Simone Luci; BEZERRA, Priscila Miranda. **Ocupar, comunicar, habitar: un análisis de la ocupación artística “Ouidor 63” en el centro de São Paulo**. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación - ALAIC*. v. 20, n. 37. 2021. p.89-99

PEREIRA, Simone Luci; RETT, Lucimara; BEZERRA, Priscila M. **Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta**. *Revista E-Compós*. v.24. p.1-22. 2021.

Yudice, G. (2005). **A conveniência da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Nascimento, L.; **“Lembrança eu tenho da Saracura”:** **Notas sobre a população negra e as reconfigurações urbanas no bairro do Bexiga**. In: *Revista Intratextos*, 2014, vol 6, no1, p. 25-50. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.7099>